



MATURIDADE ESPIRITUAL

• • •

***“Para que não mais sejamos como meninos, agitados de um lado para outro...
Mas seguindo a verdade em amor, crescamos em tudo naquele que é a cabeça, Cristo”***
(Ef 4.14-15)

• • •

Crescer... amadurecer... Todos nós, desde o primeiro dia que fomos gerados no ventre de nossa mãe, iniciamos um processo de desenvolvimento do nosso organismo. Éramos um embrião um dia... e outro dia éramos um bebê. Depois de crianças, tornamo-nos jovens, e os primeiros sinais do ser humano adulto apareceram. Assim também é a natureza... Quem gosta de comer frutos imaturos, ainda “verdes” na árvore? Como é bom comer um fruto maduro, no devido tempo, não é mesmo? Da mesma forma, Deus também possui um plano de crescimento e amadurecimento espiritual para aqueles que decidem percorrer a jornada cristã rumo ao Pai.

Certa vez, o escritor da Carta aos Hebreus disse assim a respeito do Filho de Deus: *“Ainda que era Filho, aprendeu a obediência por meio daquilo que sofreu; e, tendo sido aperfeiçoado, veio a ser autor de eterna salvação para todos os que lhe obedecem”* (Hb 5.8-9). Até mesmo o Senhor Jesus teve que passar por um processo de amadurecimento, cujo ápice foi sua morte redentora na Cruz, tornando perfeita sua vida, obra e ministério aqui nesta terra. O Ap. Paulo certa vez disse assim: *“Quando eu era menino, pensava como menino; mas, logo que cheguei a ser homem, acabei com as coisas de menino”* (1Co 13.11). Amadurecimento fala de um abandono das práticas do tempo da infância, passando a ter em seu cotidiano práticas maduras, adequadas para um ser adulto.

A respeito disso, um trecho do Salmo 101.2 diz assim: *“Atentarei sabiamente ao caminho da*

perfeição”... Esse texto nos mostra uma jornada rumo à maturidade espiritual. Para tonarmo-nos maduros espiritualmente, precisamos perseverar em trilhar por um caminho. Essa decisão demanda esforço, diligência, disposição em sofrer as intempéries da ação do tempo até, enfim, amadurecer.

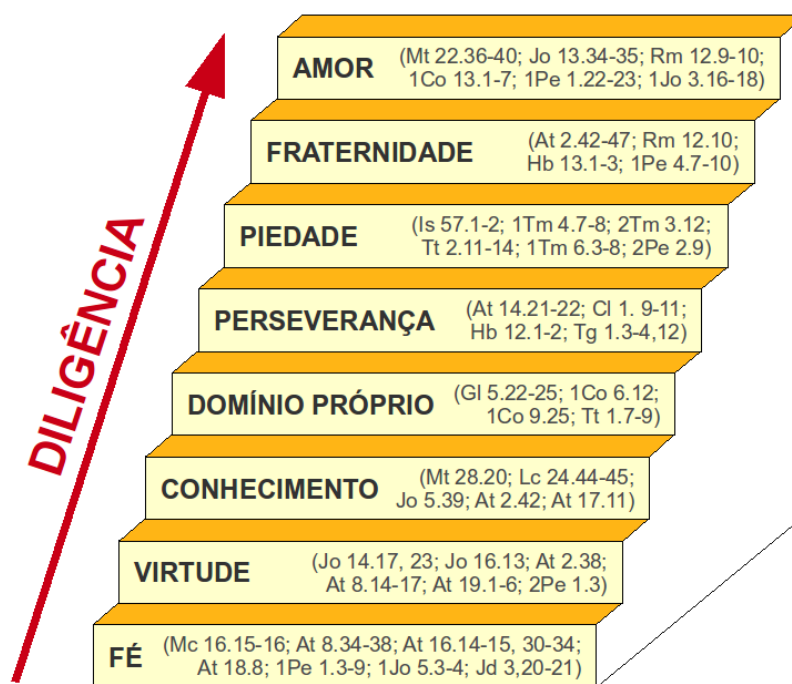
Os degraus da maturidade espiritual

“E por isso mesmo vós, empregando toda a diligência, acrescentai à vossa fé a virtude, e à virtude o conhecimento, e ao conhecimento o domínio próprio, e ao domínio próprio a perseverança, e à perseverança a piedade, e à piedade a fraternidade, e à fraternidade o amor. Porque, se em vós houver e abundarem estas coisas, elas não vos deixarão ociosos nem infrutíferos no pleno conhecimento de nosso Senhor Jesus Cristo.”

(2Pe 1.5-8)

Deus tem um objetivo muito bem definido ao guiar-nos no processo de amadurecimento espiritual: é nos fazer participantes da sua obra, ou como diz a metáfora usada no texto acima: **sermos frutíferos**. Uma outra tradução desse versículo diz assim: *“Porque estas coisas, existindo em vós e em vós aumentando, fazem com que não sejais nem inativos, nem infrutuosos no pleno conhecimento de nosso Senhor Jesus Cristo”* (2Pe 1.8). Árvore boa é aquela que dá fruto! Certa vez o Senhor Jesus disse assim aos seus discípulos: *“Todo ramo que, estando em mim, não der fruto, ele a corta; e todo o que dá fruto ele limpa, para que produza mais fruto ainda”* (Jo 15.2); e também: *“Vós não me escolhestes a mim mas eu vos escolhi a vós, e vos designei para que vão e dêem frutos, e o vosso fruto permaneça”* (Jo 15.16).

No texto de 2 Pedro 1.5-8, ele nos adverte a empregar toda a diligência em acrescentar os seguintes elementos uns aos outros, o que nós chamaremos de degraus, como vemos na figura abaixo:



Mas antes de estudarmos esses degraus, vamos analisar o combustível que devemos utilizar para amadurecermos espiritualmente, conforme veremos a seguir.

O combustível da maturidade espiritual: DILIGÊNCIA

Para começar, vejamos a definição dessa palavra no dicionário:

“Diligência é a virtude humana de seguir um objetivo de vida, conquista ou qualquer tipo de princípio por meios convencionais até chegar ao fim do objetivo”

Ou seja, diligência é a força necessária que eu preciso empregar para alcançar o objetivo que desejo alcançar. Foi sabendo disso que o Ap. Pedro empregou essa palavra especial – **diligência** – como condição para crescermos espiritualmente: *“E por isso mesmo vós, empregando toda a diligência...”*.

Certa vez o Senhor Jesus disse assim: *“Desde os dias de João Batista até agora, o reino dos céus é tomado por esforço, e os que se esforçam se apoderam dele”* (Mt 11.12). Isso me diz que eu devo esforçar-me, empregar diligência, como disse o ap. Pedro, lutar para alcançar o objetivo. Lembro-me que quando eu e minha esposa nos convertemos ao Senhor Jesus... Havia naquele grupo uns 30 jovens além de nós, e todos participávamos dos encontros, ouvíamos a Palavra, etc. Mas logo o verão chegou, e a cidade onde morávamos é bem perto da praia... Foi o que bastou para que aqueles 30 jovens desistissem de caminhar com Jesus... Vamos lançar luz sobre esse fato lendo os versículos a seguir:

“A [semente] que caiu sobre a pedra são os que, ouvindo a palavra, a recebem com alegria; estes não têm raiz, crêem apenas por algum tempo e, na hora da provação, se desviam.

A [semente] que caiu entre espinhos são os que ouviram, e no decorrer dos dias, foram sufocados com os cuidados, riquezas e deleites da vida; os seus frutos não chegam a amadurecer.”

(Lc 8.13-14)

Há algum tempo atrás encontramos um desses irmãos, que conversando com ele, nos confessou que até crê em Jesus e congrega em uma igreja, mas que desde aquele tempo vem lutando para largar os vícios. Quando o indagamos sobre isso, a réplica foi imediata contra nós: “mas vocês são pastores, né?!” Foi aí que lembramos da parábola do semeador e dissemos a esse irmão: “sim, hoje somos pastores, mas lembra que começamos todos juntos a mesma jornada? A diferença entre nós foi que, quando o verão chegou, muitos escolheram a praia e a badalação, enquanto nós escolhemos continuar a caminhada com Jesus”. É como o Senhor finalizou a parábola em Lucas 8.15: *“a [semente] que caiu em boa terra são os que, tendo ouvido de bom e reto coração, retém a palavra;*

estes frutificam com perseverança”. Infelizmente, queira ou não, tornar-se um cristão maduro depende tão somente do teu esforço e da tua diligência em alcançar esse objetivo, porque tudo o que Deus podia fazer para isso Ele já fez: **Primeiro:** Te deu a salvação pela morte de Jesus na cruz; **Segundo:** Te deu a Palavra viva que te mostra o caminho; **E terceiro:** Te deu o Espírito Santo que te guia, te conduz, te ajuda, te consola e te capacita para vencer essa jornada. Eu te pergunto: precisamos de mais alguma coisa além disso? Creio que não! Apenas precisamos nos esforçar e empregar toda a nossa diligência em alcançar a maturidade espiritual que está disponível a todos nós.

O primeiro degrau: FÉ

Para entendermos bem como ocorre a subida para o primeiro degrau, vamos analisar a passagem onde ocorre a conversão do carcereiro de Filipos na ocasião daquele famoso terremoto que abalou a prisão onde estavam Paulo e Silas:

“Ora, o carcereiro, tendo acordado e vendo abertas as portas da prisão, tirou a espada e ia suicidar-se, supondo que os presos tivessem fugido. Mas Paulo bradou em alta voz, dizendo: Não te faças nenhum mal, porque todos aqui estamos.

Tendo ele pedido luz, saltou dentro e, todo trêmulo, se prostrou ante Paulo e Silas e, tirando-os para fora, disse: Senhores, que me é necessário fazer para me salvar?

Responderam eles: Crê no Senhor Jesus e serás salvo, tu e tua casa. Então lhe pregaram a palavra de Deus, e a todos os que estavam em sua casa.

Tomando-os ele consigo naquela mesma hora da noite, lavou-lhes as feridas; e logo foi batizado, ele e todos os seus. Então os fez subir para sua casa, pôs-lhes a mesa e alegrou-se muito com toda a sua casa, por ter crido em Deus.”

(At 16.27-34)

O que aconteceu ao carcereiro de Filipos e a toda a sua família foi exatamente subir o primeiro degrau da maturidade cristã: crer em Jesus e ser batizado (confirmado na fé). Todos começam por aqui, e é impossível alguém crescer espiritualmente sem passar por aqui: crer em Jesus e ser batizado.

Na ocasião em que o Ap. Paulo foi despedir-se dos irmãos em Mileto, ele disse assim:

“Vós bem sabeis de que modo me tenho portado entre vós sempre, desde o primeiro dia em que entrei na Ásia, servindo ao Senhor com toda a humildade, e com lágrimas e provações que pelas ciladas dos judeus me sobrevieram; como não me esquivei de vos anunciar coisa alguma que útil seja, ensinando-vos publicamente e de casa em casa,

*testificando, tanto a judeus como a gregos,
o arrependimento para com Deus e a fé em nosso Senhor Jesus”*

(At 20.18-21)

Na pregação de Paulo, o arrependimento é o pré-requisito para o primeiro degrau da jornada cristã: a fé no Senhor Jesus. Na pregação da igreja ocidental nos dias atuais, Jesus não é a pedra angular, o fundamento pela qual minha vida em ruínas será novamente reconstruída, mas apenas um acessório que é agregado ao meu estilo de vida, sem arrependimento. Para eu aceitá-lo como pedra angular, eu preciso remover os meus fundamentos... tudo o que construí sem esse alicerce deve ser derrubado... tudo o que fiz em minha vida sem Cristo não passa de ruínas... “obras mortas” (Hb 6.1), e então aceitá-lo como novo fundamento e iniciar uma nova construção. Isso é arrependimento para com Deus e fé em Jesus Cristo – o primeiro degrau. Uma nova criatura, uma nova vida, um novo caminho para seguir. Depois de arrepender-se, então vem a fé genuína em Cristo: *“Aquele que crer em mim, como diz a Escritura, do seu interior fluirão rios de águas vivas”* (Jo 7.38). Somente depois de realmente crermos em Jesus é que, então, poderemos alcançar o segundo degrau: *“Isso ele disse com respeito ao Espírito que haviam de receber os que nele cressem...”* (Jo 7.39).

O segundo degrau: VIRTUDE ou PODER DO ESPÍRITO SANTO

Além do ocorrido em Atos 16 com o carcereiro de Filipos para alcançar o primeiro degrau do amadurecimento espiritual, outra ocorrência importante para estudarmos é a pregação de Pedro em Atos 2 onde, além de crer em Jesus, o apóstolo fala também do segundo degrau, a **virtude** ou **poder do Espírito Santo**:

“Varões israelitas, atendei a estas palavras: Jesus, o Nazareno, varão aprovado por Deus diante de vós com milagres, prodígios e sinais, os quais o próprio Deus realizou por intermédio dele entre vós, como vós mesmo sabeis; sendo este entregue pelo determinado desígnio e presciência de Deus, vós o matastes, crucificando-o por mãos de iníquos; ao qual, porém, Deus ressuscitou, rompendo os grilhões da morte; porquanto não era possível fosse ele retido por ela.

Esteja absolutamente certa, pois, toda a casa de Israel de que este Jesus, que vós crucificastes, Deus o fez Senhor e Cristo.

Ouvindo eles tais palavras, compungiu-se-lhes o coração e perguntaram a Pedro e aos demais apóstolos: Que faremos, irmãos?

Respondeu-lhes Pedro: Arrependei-vos, e cada um de vós seja batizado em nome de Jesus Cristo para remissão dos vossos pecados, e recebereis o dom do Espírito Santo.”

(At 2.22-24, 37-38)

Em Atos 1.8, quando o Senhor Jesus declarou *“mas recebereis poder, ao descer sobre vós o Espírito Santo”*, esse “poder” é a palavra *dunamis*, que significa força explosiva, ou, no contexto

atual, pólvora ou dinamite. Nós não podemos remover montanhas, nem destruir fortalezas, mas o Espírito Santo pode! Ele é Deus!

“E eu rogarei ao Pai, e ele vos dará outro Consolador, a fim de que esteja para sempre convosco, o Espírito da verdade, que o mundo não pode receber, porque não o vê, nem o conhece; vós o conheceis, porque ele habita convosco e estará em vós”

(Jo 14.16-17)

Em João 14.16, quando o Senhor Jesus anuncia o Espírito Santo aos apóstolos, ele o declara como “outro Consolador”. Esse termo, “outro consolador” é o termo grego *allos parakletos*. *Allos* significa “outro do mesmo tipo”; e *Parakletos* que significa “intercessor, defensor, advogado, confortador”. Algumas traduções trazem o termo Ajudador, ao invés de Consolador. Assim como Jesus, sendo Deus Filho, enviado pelo Pai, compadeceu-se das “ovelhas sem pastor” (Mt 9.36), também o Espírito Santo, sendo Deus com o Pai e o Filho, foi enviado a nós pelo Pai para nos consolar. A consolação é um atributo de Deus:

*“Bendito seja o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, o Pai das misericórdias e Deus de toda a consolação,
que nos consola em toda a nossa tribulação, para que também possamos consolar os que estiverem em alguma tribulação, pela consolação com que nós mesmos somos consolados por Deus.*

Porque, como as aflições de Cristo transbordam para conosco, assim também por meio de Cristo transborda a nossa consolação”

(2Co 1.3-5)

Em João 14.26 e em João 16.13, outro atributo do Espírito Santo é ser nosso professor, nosso ensinador, nosso guia, nosso mestre:

“Mas o Ajudador, o Espírito Santo a quem o Pai enviará em meu nome, esse vos ensinará todas as coisas, e vos fará lembrar de tudo quanto eu vos tenho dito”

(Jo 14.26)

“Quando vier, porém, aquele, o Espírito da verdade, ele vos guiará a toda a verdade: porque não falará por si mesmo, mas dirá o que tiver ouvido, e vos anunciará as coisas vindouras”

(Jo 16.13)

Vejamos aqui outra grande semelhança da pessoa do Espírito Santo com o nosso Senhor Jesus... Assim como o Espírito Santo foi enviado pelo Pai como “outro Consolador”, aqui também o Espírito Santo é enviado como guia, como mestre, à semelhança de Jesus.

“Ao concluir Jesus este discurso, as multidões se maravilhavam da sua doutrina; porque as ensinava como tendo autoridade...”

(Mt 7.28-29)

“... Quando tiverdes levantado o Filho do homem, então conhecereis que eu sou, e que nada faço de mim mesmo; mas como o Pai me ensinou, assim falo”

(Jo 8.28)

Assim como o Senhor Jesus não falava por si mesmo, mas aquilo que ouvia do Pai, também o Espírito Santo, nos dirá aquilo que ouve do Pai. Isso nos mostra claramente como o termo *allos parakletos* é perfeitamente aplicado ao Espírito Santo: Ele nosso Consolador assim como Jesus... Ele é nosso Ajudador assim como Jesus... Ele é nosso professor, nosso guia, nosso mestre, assim como Jesus! Se o primeiro degrau do amadurecimento espiritual é a fé no Filho de Deus, o segundo degrau é sermos cheios do Espírito Santo, é termos o poder Dele em nós. Se não alcançarmos a essa condição, não avançaremos. Seremos permanentemente imaturos.

O terceiro degrau: CONHECIMENTO

“Lâmpada para os meus pés é a tua palavra, e luz para o meu caminho”

(SI 119.105)

Você conhece o Deus em quem você crê? Quem é Deus? Quem é o Pai, o Filho e o Espírito Santo? Qual a história de Deus? De onde Ele veio? Para onde Ele vai? O que Ele fez durante os 10 mil anos de história do homem na terra, você sabe? E antes? E depois? Se não sabe, tem que saber! Como Deus age? Você sabia que Deus tem personalidade? Aliás, você sabia que, mesmo sendo um único Deus, o Pai, o Filho e o Espírito Santo possuem personalidade e caráter distintos um do outro? Qual a fonte para conhecermos essas coisas e então sabermos quem é o nosso Deus e o seu plano com a humanidade? As Escrituras Sagradas.

Para que possamos avançar no processo de amadurecimento espiritual, precisamos não apenas saber em que Deus nós cremos, mas precisamos realmente conhecê-lo, e a Palavra é a expressão de Deus para que possamos conhecê-lo verdadeiramente.

Relacionamento com a Palavra

Como deve ser o nosso relacionamento com a Palavra de Deus? Um excelente padrão para isso está no Salmo 119, que nos mostra a excelência do conhecimento de Deus através da sua Palavra. Vejamos alguns versículos desse salmo:

*“De todo o meu coração tenho te buscado;
não me deixes desviar dos teus mandamentos”*

(SI 119.10)

“Escondi a tua palavra no meu coração, para não pecar contra ti”

(SI 119.11)

“Deleitar-me-ei nos teus estatutos; não me esquecerei da tua palavra”

(SI 119.16)

“A minha alma se consome de anelos por tuas ordenanças em todo o tempo”

(SI 119.20)

“Deleitar-me-ei em teus mandamentos, que eu amo”

(SI 119.47)

“Melhor é para mim a lei da tua boca do que milhares de ouro e prata”

(SI 119.72)

“Oh! quanto amo a tua lei! ela é a minha meditação o dia todo”

(SI 119.97)

“Oh! quão doces são as tuas palavras ao meu paladar!

mais doces do que o mel à minha boca”

(SI 119.103)

“Lâmpada para os meus pés é a tua palavra, e luz para o meu caminho”

(SI 119.105)

“A minha alma observa os teus testemunhos; amo-os extremamente”

(SI 119.167)

Uma pergunta: quanto você se dedicaria a algo que é valioso para você? Pois para o salmista melhor é a lei do Senhor do que milhares de ouro e de prata! (v. 72). Outra pergunta: o quanto a Palavra de Deus é doce para você? Pois para o salmista a Palavra de Deus é mais doce do que o mel! (v. 103).

Nós convidamos você a examinar-se seriamente se o seu relacionamento com a Palavra de Deus está de acordo com o patamar encontrado no Salmo 119. Se você não ama ardentemente a Palavra, se você não se deleita nela, se a Palavra não é a sua maior riqueza... então precisa rever seriamente sua condição em relação à Palavra. Pense nisso.

A Palavra como alimento

Precisamos comer para permanecermos vivos e saudáveis, certo? Sabemos que isso é verdade. Porém o Senhor Jesus nos chama atenção para o que é verdadeiro alimento, mais importante que a comida natural. Quando Ele foi tentado no deserto, depois de 40 dias sem comer, declarou ao adversário que *nem só de pão viverá o homem, mas de toda palavra que sai da boca de Deus* (Mt 4.4).

Depois das duas ocasiões em que o Senhor multiplicou os pães e os peixes (Mt 14.13-31; Mt 15.32-38), uma multidão continuou a segui-lo para saciar a fome, para alimentarem-se. O Senhor Jesus, vendo a fixação do povo pelo alimento natural, e não por Ele – o pão vivo que desceu do céu – advertiu o povo com as seguintes palavras:

“Trabalhai, não pela comida que perece, mas pela comida que permanece para a vida eterna, a qual o Filho do homem vos dará; pois neste, Deus, o Pai, imprimiu o seu selo”

(Jo 6.27)

Logo após, o Senhor Jesus fez uma declaração polêmica a respeito do maná que Deus mandou ao povo no deserto:

*“Em verdade, em verdade vos digo: Não foi Moisés que vos deu o pão do céu;
mas meu Pai vos dá o verdadeiro pão do céu.*

Porque o pão de Deus é aquele que desce do céu e dá vida ao mundo.

Disseram-lhe, pois: Senhor, dá-nos sempre desse pão.

Declarou-lhes Jesus. Eu sou o pão da vida; aquele que vem a mim, de modo algum terá fome, e quem crê em mim jamais terá sede”

(Jo 6.32-35)

E mais adiante, Ele declarou:

“Eu sou o pão da vida.

Vossos pais comeram o maná no deserto e morreram.

Este é o pão que desce do céu, para que o que dele comer não morra.

Eu sou o pão vivo que desceu do céu; se alguém comer deste pão, viverá para sempre; e o pão que eu darei pela vida do mundo é a minha carne.

Disputavam, pois, os judeus entre si, dizendo: Como pode este dar-nos a sua carne a comer?

Disse-lhes Jesus: Em verdade, em verdade vos digo: Se não comerdes a carne do Filho do homem, e não beberdes o seu sangue, não tereis vida em vós mesmos.

Quem come a minha carne e bebe o meu sangue tem a vida eterna; e eu o ressuscitarei no último dia.

Porque a minha carne verdadeiramente é comida, e o meu sangue verdadeiramente é bebida.

Quem come a minha carne e bebe o meu sangue permanece em mim e eu nele.

Assim como o Pai, que vive, me enviou, e eu vivo pelo Pai, assim, quem de mim se alimenta, também viverá por mim.

Este é o pão que desceu do céu; não é como o caso de vossos pais, que comeram o maná e morreram; quem comer este pão viverá para sempre”

(Jo 6.48-58)

Você crê que essa promessa pode cumprir-se na sua vida, que Ele é amplamente suficiente para saciar sua fome e sede? Lembre que Jesus ficou 40 dias no deserto! Lembra de Moisés 40 dias na presença de Deus? (Êx 24.18). Lembra daquele pão que o anjo do Senhor assou para Elias? Pois aquele pão o sustentou por 40 dias! (1Rs 19.5-8). Numa experiência sobrenatural, o Ap. João foi

ordenado a “comer” o livro que estava na mão de um anjo (Ap 10.8-10).

Vamos analisar o Santo Lugar, aquela câmara do Tabernáculo que antecedia o Santo dos Santos. Ali no Santo Lugar havia apenas três coisas: 1- A mesa dos pães; 2- a mesa do candelabro; e 3- o altar do incenso. A mesa dos pães ficava imediatamente em frente à mesa do candelabro... isso nos mostra que ali que aquele pão é iluminado pela luz do candelabro. Isso é uma representação da obra do Espírito Santo (o candelabro) que revela (ilumina) a Palavra (os pães) a nós. Sem a revelação do Espírito Santo, é inútil ler a Palavra (Jo 14.26; 1Co 2.6-16). Só o Espírito Santo nos revela a verdade contida nas Escrituras. E o altar do incenso, que ficava à frente do véu que dava acesso ao Santo dos Santos, representa a oração. Isso nos mostra um lugar de relacionamento, onde é necessário ficarmos por bastante tempo... orando, falando com Deus (incenso – Ap 5.8), e alimentando-se da Palavra, à luz do Espírito Santo.

Negligência ao conhecimento da Palavra

“O meu povo está sendo destruído, porque lhe falta o conhecimento. Porquanto rejeitaste o conhecimento, também eu te rejeitarei...”

(Os 4.6)

“Jesus, porém, lhes respondeu: Errais, não compreendendo as Escrituras nem o poder de Deus”

(Mt 22.29)

“Respondeu-lhes Jesus: Porventura não errais vós em razão de não compreenderdes as Escrituras nem o poder de Deus?”

(Mc 12.24)

Por que é tão comum vermos pessoas que permanecem 10, 20 e até 30 anos no mesmo lugar, não progredindo na fé, não amadurecendo como diz a Palavra de Deus? Por que o amadurecimento espiritual tão evidente em Pedro, Tiago, João, Paulo, Timóteo, Áquila, Priscila e tantos outros homens e mulheres de Deus na Bíblia tornou-se tão raro nos dias atuais? Por que hoje alguém tornar-se maduro segundo o padrão bíblico é uma exceção, e não uma regra como ocorreu na igreja primitiva? Por um único e simples motivo: negligência ao conhecimento de Deus através da sua Palavra.

O ser humano é um ser almatóico, movido pelas sensações percebidas pela alma. Se a alma experimenta uma sensação boa, agradável, então consideramos que isso seja uma coisa “boa” e inserimos esse fator estimulante da nossa alma em nosso modo de vida.

Até o final do século 19, a igreja cristã tinha como principal alicerce de sua fé o conhecimento da Palavra. O ministério de homens como John Wesley, Jonathan Edwards, Conde Zinzendorf e os irmãos Morávios, Charles Spurgeon, Dwight L. Moody e tantos outros foram alicerçados por um profundo entendimento da Palavra de Deus. Já no século 20, com a chegada do Modernismo, a Igreja passou a não fundamentar mais a fé apenas na Palavra, mas também em experiências vividas

na alma, em ministrações fundamentadas em ciências humanas, que visavam causar nos ouvintes uma sensação agradável de conforto e bem-estar em vir à igreja, mas que não causavam arrependimento para guiá-los até a Cruz de Cristo. Hoje, no século 21, estamos vivendo um completo distanciamento das verdades bíblicas, dos fundamentos da Palavra, o que nos obriga a afirmar que estamos vivendo o período de apostasia profetizada por Jesus (*“Igualmente hão de surgir muitos falsos profetas, e enganarão a muitos”* – Mt 24.11), e também anunciada pelo Ap. Paulo (*“Ninguém de modo algum vos engane; porque isto não sucederá sem que venha primeiro a apostasia...”* – 2Ts 2.3). Mas o que realmente causa espanto são a exatidão das palavras de Paulo para Timóteo, prevendo o tempo que estamos vivendo hoje:

“Porque virá tempo em que não suportarão a sã doutrina; mas, tendo grande desejo de ouvir coisas agradáveis, ajuntarão para si mestres segundo os seus próprios desejos, e não só desviarão os ouvidos da verdade, mas se voltarão às fábulas”
(2Tm 4.3-4)

No mesmo espírito de profecia, também o Ap. Pedro anunciou a respeito da apostasia atual:

“Mas houve também entre o povo falsos profetas, como entre vós haverá falsos mestres, os quais introduzirão encobertamente heresias destruidoras, negando até o Senhor que os resgatou, trazendo sobre si mesmos repentina destruição. E muitos seguirão as suas dissoluções, e por causa deles será blasfemado o caminho da verdade; também, movidos pela ganância, e com palavras fingidas, eles farão de vós negócio; a condenação dos quais já de largo tempo não tarda e a sua destruição não dormita”
(2Pe 2.1-3)

Qual a consequência de negligenciarmos o conhecimento da Palavra de Deus? Se a palavra é “lâmpada para os meus pés e luz para o meu caminho”, negligenciar o conhecimento dela significa sairmos da rota celestial, seguindo por outro caminho diferente, distanciando-se cada vez mais da vontade de Deus. Não podemos esperar que assim chegaremos no mesmo lugar que somente a Palavra de Deus é capaz de nos guiar. Por isso nos demoramos mais nesse degrau, porque o conhecimento da Palavra de Deus é fundamental para que não sejamos mais como meninos (Ef 4.14-15), e cresçamos na plenitude de Deus.

O quarto degrau: DOMÍNIO PRÓPRIO

“Todas as coisas me são lícitas, mas nem todas as coisas convêm. Todas as coisas me são lícitas; mas eu não me deixarei dominar por nenhuma delas”
(1Co 6.12)

Você tem domínio de si mesmo, de suas vontades, de resistir às suas tentações? Você tem força para

decidir caminhar na vontade de Deus, sem ceder às pressões desse mundo para te fazer desistir? Paulo chamou o domínio próprio de “fruto do Espírito” (Gl 5.23), e também classificou o domínio próprio como condição para vencer na corrida rumo à herança celestial (1Co 9.25). Clemente de Alexandria definiu que domínio próprio não é um ascetismo – a negação de fazer isso ou aquilo – mas é usar coisas e fazer coisas de modo continente, comedido, de modo inteligente, como elas devem ser feitas.

Porém o melhor princípio a ser aplicado com respeito ao domínio próprio é a concentração de todas as forças e capacidades do homem a fim de cumprir a vontade de Deus, e renunciar a qualquer coisa, por mais inocente que possa parecer, que interfira no completo cumprimento da vontade de Deus. Domínio próprio não se limita à abstinência de usar ou fazer algo, mas principalmente em dominar-se mentalmente e fisicamente com a finalidade de cumprir um objetivo.

Quando somos salvos pelo Senhor e regenerados pelo Espírito Santo – guiando-nos por um caminho de crescimento na fé, somos então convencidos pelo Senhor através da Sua Palavra a abandonarmos certas práticas de pecado – a maioria deles bem conhecida – conforme segue:

*“Ora, as obras da carne são manifestas, as quais são: **a prostituição, a impureza, a lascívia, a idolatria, a feitiçaria, as inimizades, as contendas, os ciúmes, as iras, as facções, as dissensões, os partidos, as invejas, as bebedices, as orgias, e coisas semelhantes a estas, contra as quais vos previno, como já antes vos preveni, que os que tais coisas praticam não herdarão o reino de Deus**”*

(Gl 5.19-21)

*“Exterminai, pois, as vossas inclinações carnis; **a prostituição, a impureza, a paixão, a vil concupiscência, e a avareza, que é idolatria;** coisas pelas quais vem a ira de Deus sobre os filhos da desobediência; nas quais também em outro tempo andastes, quando vivíeis nelas; mas agora despojai-vos também de tudo isto: da ira, da cólera, da malícia, da maledicência, das palavras torpes da vossa boca; não mintais uns aos outros, pois que já vos despistes do homem velho com os seus feitos, e vos vestistes do novo, que se renova para o pleno conhecimento, segundo a imagem daquele que o criou”*

(Cl 3.5-10)

*“Porque esta é a vontade de Deus, a saber, **a vossa santificação: que vos abstenhais da prostituição, que cada um de vós saiba possuir o próprio corpo em santidade e honra, não com o desejo de lascívia, como os gentios que não conhecem a Deus; ninguém iluda ou defraude nisso a seu irmão, porque o Senhor é vingador de todas estas coisas, como também antes vo-lo dissemos e testificamos. Porque Deus não nos chamou para a imundícia, mas para a santificação. Portanto, **quem rejeita isso não rejeita ao homem, mas sim a Deus, que vos dá o seu Espírito Santo**”***

(1Ts 4.3-8)

“Aquele que vencer herdará estas coisas; e eu serei seu Deus, e ele será meu filho. Mas, quanto aos covardes, e aos incrédulos, e aos abomináveis, e aos homicidas, e aos adúlteros, e aos feiticeiros, e aos idólatras, e a todos os mentirosos, a sua parte será no lago ardente de fogo e enxofre, que é a segunda morte”

(Ap 21.7-8)

“Ficarão de fora os cães (difamadores, caluniadores), os feiticeiros, os adúlteros, os homicidas, os idólatras, e todo o que ama e pratica a mentira”

(Ap 22.15)

A lista é bem grande... e essas práticas e tantas semelhantes a essas são as que devemos abandonar de imediato ao iniciarmos nossa caminhada com Jesus, e isso não é opcional. A herança para os que praticam essas coisas está bem definida na Palavra de Deus: é ser condenado ao inferno, eternamente, sem chance de retorno. O Ap. Paulo certa vez afirmou que o salário do pecado é a morte (Rm 6.23). Portanto, o que nos faria pensar que, praticando essas coisas, mesmo assim seríamos agraciados com a entrada no céu? Não se iluda! Não foi por acaso que, na escala de crescimento sugerida pelo Ap. Pedro, o domínio próprio vem logo depois do conhecimento da Palavra, pois é justamente pela Palavra que o Espírito Santo irá te mostrar e te convencer dessas coisas (Jo 16.7-11,13).

Mas o domínio próprio não se aplica apenas em abandonar o pecado e manter uma postura firme contra isso, mas também em deixar de fazer coisas que até são lícitas, permitidas, que não é proibido fazer, mas que, por suas consequências, acabam por desagradar a Deus, tornando-se pecado. Vejamos o texto abaixo citado por Paulo:

“Todas as coisas são lícitas, mas nem todas as coisas convêm; todas as coisas são lícitas, mas nem todas as coisas edificam”

(1Co 10.23)

Certa vez um amigo disse assim: *“Abandonar o que é proibido fazer é fácil; difícil é abandonar o que é permitido fazer”*. Pura verdade! Permita-me fazer uma pergunta: o que você faz do teu tempo livre? Assiste TV? Lê revistas? Joga videogame? Presumimos que você é um cristão (ou cristã), é membro de uma igreja e frequenta os cultos e cumpre seus compromissos no ministério. Não há dúvidas que esses exemplos citados anteriormente e tantas outras coisas que poderíamos também citar não constituem pecado por si só. Porém, devemos ter em mente uma regra: quais são as minhas prioridades? O que é realmente importante para mim? A que ou a quem eu dedico maior tempo da minha vida? A nossa dedicação a algo ou alguém é medida através da qualidade de tempo e/ou quantidade de dinheiro que dispensamos para satisfazer aquilo que é prioridade para nós. E essa relação é diretamente proporcional. Não entendeu? O que a regra da dedicação quer dizer é o seguinte: se você gasta 3 horas por dia assistindo TV ou jogando videogame e também ora e lê a Bíblia por outras 3 horas do seu dia, isso mostra que assistir TV ou jogar videogame é tão importante para você quanto orar e ler a Bíblia. O que você faz ou deixa de fazer falam muito mais

de você do que as suas palavras. Se você dedica 3 horas à TV, isso nos mostra que a TV é para você tão importante quanto ler a Bíblia e orar. Agora você está começando a entender o que é dedicação... Mas e se você se dispõe a comprar um equipamento eletrônico de entretenimento (um videogame ou uma TV, por exemplo) pela quantia de 2 mil reais, e não tem a mesma disposição em ofertar esse valor para aliviar o sofrimento de missionários e cristãos que estão vivendo o reino de Deus em lugares onde confessar o nome de Jesus é sentença de morte ou punição... podemos afirmar que o reino de Deus é tão importante para você quanto à satisfação da tua própria vontade? Não... sejamos sinceros, não é. Agora você entendeu a regra da dedicação. O Dr. Russel Shedd ensina que um ídolo é aquilo que damos dedicação igual ou maior que a religião exige. Ou seja, você até pode dizer de si mesmo que é cristão. Outras pessoas e até mesmo o teu pastor pode falar muito bem de você como cristão, mas, se a sua dedicação a outras coisas for maior do que a sua dedicação a Deus, então o seu deus é aquilo a qual você se dedica mais. Se você duvida disso, lembre-se do exemplo mostrado pela igreja primitiva: *“Todos os que criam estavam unidos e tinham tudo em comum. E vendiam suas propriedades e bens e os repartiam por todos, segundo a necessidade de cada um”* (At 2.42). Consegue perceber qual era a prioridade dos primeiros cristãos? Era repartir os seus bens entre todos para que ninguém tivesse necessidade. Acha isso impossível? Veja mais um exemplo:

“Da multidão dos que criam, era um só o coração e uma só a alma, e ninguém dizia que coisa alguma das que possuía era sua própria, mas todas as coisas lhes eram comuns

Com grande poder os apóstolos davam testemunho da ressurreição do Senhor Jesus, e em todos eles havia abundante graça.

Pois não havia entre eles necessitado algum; porque todos os que possuíam terras ou casas, vendendo-as, traziam o preço do que vendiam e o depositavam aos pés dos apóstolos.

E se repartia a qualquer um que tivesse necessidade”
(Atos 4.32-35)

Isso é dedicação! Os primeiros cristãos dedicavam-se muito mais ao reino de Deus através dos seus bens do que a si próprios. E estamos falando apenas em descobrir quem é senhor sobre mim, se é Deus ou se sou eu mesmo ou qualquer outra coisa... E domínio próprio é não se deixar dominar por nada, até mesmo por coisas que são permitidas fazer, mas a dedicação a elas mais do que ao reino de Deus acaba tornando isso pecado.

“Pois o pecado não terá domínio sobre vós, porquanto não estais debaixo da lei, mas debaixo da graça.

E daí? Havemos de pecar porque não estamos debaixo da lei, mas debaixo da graça? De modo nenhum.

Não sabeis que daquele a quem vos apresentais como servos para lhe obedecer.

sois servos desse mesmo a quem obedecéis, seja do pecado para a morte, ou da obediência para a justiça?”

(Rm 6.14-16)

“...porque aquele que é vencido, é feito escravo do vencedor”

(2Pe 2.19)

Apesar de tudo isso, alguém pode argumentar: “Mas eu não me deixo dominar por nada”. Será? Faça um teste: desligue a TV por trinta dias... ou o videogame... ou qualquer outra coisa a qual você se dedica... Alguns são consumidores compulsivos, não conseguem resistir e não gastar o dinheiro que têm... Pois troque a sua dedicação a tudo isso por jejuns, orações e leitura da Palavra de Deus, então você descobrirá quem governa sobre você. Se você permanecer fiel ao voto, parabéns! Então, permaneça assim por mais trinta dias e depois por mais trinta dias... Se você conseguir permanecer 90 dias sem fazer aquilo a qual você antes se dedicava, e isso não mexer em nada com os seus sentimentos e pensamentos, então verdadeiramente você é livre, tem domínio sobre si e sobre as coisas que te cercam.

Se porventura você não passar no teste e descobrir que algo ou alguém domina sobre você, então volte para Deus. O primeiro passo é o arrependimento, depois volte a caminhar com Ele, falando com Ele (oração), buscando conhecê-lo (palavra de Deus), fortalecendo o canal de comunicação com Ele (jejuns), procurando fazer o que agrada a Ele (separação do mundo – santidade). Agindo assim, você é mais que vencedor! (Rm 8.35-39).

O quinto degrau: PERSEVERANÇA

“Mas aquele que perseverar até o fim, esse será salvo”

(Mt 24.13)

“Pela vossa perseverança ganhareis a vossa alma”

(Lc 21.29)

A palavra “tribulação” ocorre 42 vezes no Novo Testamento, e sempre se refere aos cristãos passarem por angústia e provação. E a palavra “perseguição” ocorre 45 vezes no Novo Testamento, também referindo-se aos cristãos experimentarem angústia e provação por causa da sua fé. Desde o Pentecostes até o final do século 19, a mensagem que se ouvia na igreja era sobre perseverança em face da tribulação – preparando os cristãos para permanecerem firmes em tempo de angústia – a fim de garantir a esperança da salvação. Infelizmente, desde que o Modernismo entrou na igreja no início do século 20, a mensagem tem sido a satisfação e a realização pessoal – “como cuidar bem da sua própria vida” – fazendo com que os crentes se tornassem almatícos, carnais, ensinando-os a amar a sua própria vida neste mundo – ou seja, uma mensagem totalmente contrária ao Evangelho pregado por Cristo e pela Igreja Primitiva. Jesus prometeu aos seus discípulos que sofreriam tribulações neste mundo, mas que tivessem bom ânimo (Jo 16.33). Jesus também anunciou que nos

últimos dias haverá uma tribulação tal como nunca houve desde a criação do mundo nem jamais haverá, e que se esses dias não fossem abreviados, nem os “eleitos” ou “escolhidos” se salvariam (Mc 13.19-20). O Ap. Paulo, em suas viagens missionárias, exortava os discípulos a perseverarem na fé, ensinando que importa aos cristãos entrar no reino de Deus através de muitas tribulações (At 14.22).

Entrar no reino de Deus através de muitas tribulações é algo bem diferente do que se tem ensinado hoje nas igrejas, você não acha? Para que o cristão precisaria de perseverança se todas as coisas ao seu redor vão bem? Porém este não é o cenário prometido para a igreja. Se você está decidido a ser um cristão verdadeiro, seguidor piedoso de Jesus, então prepare-se: você sofrerá perseguição e precisará de perseverança! *“Na verdade, todos os que querem viver piedosamente em Cristo Jesus sofrerão perseguições”* (2Tm 3.12). Você crê que só a Palavra de Deus é a verdade? Os homens podem mentir, mas a Bíblia não mente.

“Não ameis o mundo nem as coisas que há no mundo. Se alguém amar o mundo, o amor do Pai não está nele”
(1Jo 2.15)

“Infiéis, não sabeis que a amizade do mundo é inimizade contra Deus? Portanto qualquer que quiser ser amigo do mundo constitui-se inimigo de Deus”
(Tg 4.4)

Se você é cristão e o mundo está em paz com você, considere que algo pode estar errado! Se as coisas começarem a dar errado para você, sobre qual alicerce sua fé está construída? A palavra perseverança significa “paciência na tribulação”. Se você está se sentindo confrontado com essas palavras, veja o que disse o Ap. Paulo:

*“Pelo que, não podendo mais suportar o cuidado por vós, achamos por bem ficar sozinhos em Atenas, e enviamos Timóteo, nosso irmão, e ministro de Deus no evangelho de Cristo, para vos fortalecer e vos exortar acerca da vossa fé; **para que ninguém seja abalado por estas tribulações; porque vós mesmo sabeis que para isto fomos destinados;** pois, quando estávamos ainda convosco, **de antemão vos declarávamos que havíamos de padecer tribulações, como sucedeu, e vós o sabeis”**”*
(1Ts 3.1-4)

Perseverança é algo que você descobre que tem só depois que passou pela tribulação. Nunca antes! Saiba disso: Desde o início da Igreja na ocasião do Pentecostes, ela foi perseguida e afligida com tribulação! Foi assim desde o começo e será assim com aqueles que decidiram realmente ser fiéis ao Senhor.

“Lembraí-vos, porém, dos dias passados, em que, depois de serdes iluminados,

suportastes grande combate de aflições;

pois por um lado fostes feitos espetáculo tanto por vitupérios como por tribulações, e por outro vos tornastes companheiros dos que assim foram tratados.

Pois não só vos compadecestes dos que estavam nas prisões, mas também com gozo aceitastes a espoliação dos vossos bens, sabendo que vós tendes uma possessão melhor e permanente.

Não lanceis fora, pois, a vossa confiança, que tem uma grande recompensa.

Porque necessitais de perseverança, para que, depois de haverdes feito a vontade de Deus, alcanceis a promessa.

Pois ainda em bem pouco tempo aquele que há de vir virá, e não tardará.

Mas o meu justo viverá da fé; e se ele recuar, a minha alma não tem prazer nele.

Nós, porém, não somos daqueles que recuam para a perdição, mas daqueles que crêem para a conservação da alma”

(Hb 10.32.39)

Sejamos sinceros, o que é que está em jogo em nossa vida? Por que precisamos sofrer tribulação? Para confirmar se realmente somos cristãos verdadeiros... Antes de sofrer tribulação, não se sabe se um cristão é falso ou verdadeiro. Somente se saberá a verdade depois do cristão ter sido passado por aflição. A Igreja está destinada por Deus a passar por aflições, tribulações, perseguições e angústia. E é bom que seja assim, porque somente dessa maneira se saberá qual é a Igreja verdadeira. A Igreja de Cristo não é aquela que cada vez mais se assemelha com o mundo, que se associa com o conforto e facilidades do mundo, mas sim aquela que cada vez mais se santifica, cada vez mais se purifica, cada vez mais se permite ser refinada pelo fogo, a fim de oferecer a Cristo uma vida genuína que se assemelha à vida Dele, que vive segundo os passos Dele, que segue o exemplo por Ele deixado.

“Quem nos separará do amor de Cristo? a tribulação, ou a angústia, ou a perseguição, ou a fome, ou a nudez, ou o perigo, ou a espada?

Como está escrito: Por amor de ti somos entregues à morte o dia todo; fomos considerados como ovelhas para o matadouro.

Mas em todas estas coisas somos mais que vencedores, por aquele que nos amou.

Porque estou certo de que, nem a morte, nem a vida, nem anjos, nem principados, nem coisas presentes, nem futuras, nem potestades,

nem a altura, nem a profundidade, nem qualquer outra criatura nos poderá separar do amor de Deus, que está em Cristo Jesus nosso Senhor”

(Rm 8.35-39)

Se você não acha justo que Deus tenha destinado à Igreja que ela viva sob pressão, sendo

atribulada, suportando aflições e perseguição, você precisa conhecer a Igreja de Cristo na China, na Coréia do Norte, no Afeganistão, nos países islâmicos, hindus, budistas e onde mais o Evangelho é absolutamente proibido. Vá a lugares onde os cristãos não são bem-vindos e lá você encontrará a verdadeira igreja, aquela que ama a Deus acima de tudo e está disposta a sofrer o que for preciso, e até mesmo morrer se necessário, para que a vontade de Deus seja estabelecida.

“Eles, pois, o venceram por causa do sangue do Cordeiro e por causa da palavra do testemunho que deram e, mesmo em face da morte, não amaram a própria vida”

(Ap 12.11)

Perseverança é paciência na tribulação. Tenho certeza que você quer viver para Deus e agradá-lo fazendo a vontade Dele. Sendo assim prepare-se, pois o que te aguarda é muita tribulação (leia 2Co 11.25-28!). Não desista da sua herança! Persevere! O que está em risco é a salvação da sua alma.

O sexto degrau: PIEDADE

Imagino que você tenha em mente que ser piedoso é decidir viver de modo humilde, talvez como viveu Francisco de Assis, que abriu mão da riqueza para viver entre os pobres... Se você pensa que piedade é isso, você está enganado. O significado correto de piedade é “reverência e obediência irrestrita a uma ordem religiosa”. No contexto da fé cristã, **piedade é crer em Deus e ser totalmente reverente à sua vontade e às suas leis, implicando em uma cuidadosa observância da sua Palavra, vivendo uma vida caracterizada com a identidade de Deus e à semelhança de Deus** (Noah Webster's Dictionary of American English).

A piedade está caracterizada nas palavras de Jesus:

“Em verdade, em verdade vos digo que o Filho nada pode fazer de si mesmo, senão somente aquilo que vir fazer o Pai; porque tudo o que este fizer, o Filho também semelhantemente o faz”

(Jo 5.19)

“Porque eu não tenho falado por mim mesmo, mas o Pai, que me enviou, esse me tem prescrito o que dizer e o que anunciar. ...As coisas, pois, que eu falo, como o Pai me tem dito, assim falo”

(Jo 12.49-50)

A piedade também está caracterizada na vida do Ap. Paulo:

“Se anuncio o evangelho, não tenho de que me gloriar, pois sobre mim pesa essa obrigação; porque ai de mim se não pregar o evangelho!”

(1Co 9.16, compare com Mc 16.15)

“Vós bem sabeis como foi que me conduzi entre vós em todo tempo, desde o primeiro dia em que entrei na Ásia, servindo ao Senhor com toda a humildade, lágrimas e

provações que, pelas ciladas dos judeus, me sobrevieram; jamais deixando de vos anunciar coisa alguma proveitosa e de vo-la ensinar publicamente e também de casa em casa, testificando tanto a judeus como a gregos o arrependimento para com Deus e a fé em nosso Senhor Jesus Cristo”

(At 20.18-21, compare com Mt 28.19-20 e At 2.37-41)

A piedade também foi encontrada no testemunho dos irmãos de Beréia:

“Ora, estes de Beréia eram mais nobres que os de Tessalônica, porque receberam a palavra com toda avidéz, examinando diariamente as Escrituras para ver se estas coisas eram, de fato, assim”

(At 17.11, compare com Jo 5.39)

Porém a piedade não é apenas viver “nos passos” da Palavra de Deus. Os fariseus faziam isso e foram reprovados por Jesus (“se a vossa justiça não exceder em muito a dos escribas e fariseus, jamais entrareis no reino dos céus” – Mt 5.17-20). Piedade é viver a Palavra de Deus, e também a justiça de Deus, e também ser imitador dos atributos de Deus de modo tal que nos pareçamos com Ele no seu caráter e relacionamento. Não que nos tornaremos perfeitos, ainda que Jesus nos ordenou que fôssemos (“sede vós perfeitos como perfeito é o vosso Pai celeste” – Mt 5.44-48), mas a piedade aponta para a perfeição em nosso caráter e relacionamento com Deus, e conseqüentemente nosso relacionamento com nosso próximo.

Ora, depois de lhes ter lavado os pés, tomou o manto, tornou a reclinar-se à mesa e perguntou-lhes: Entendeis o que vos tenho feito?

Vós me chamais Mestre e Senhor; e dizeis bem, porque eu o sou.

Ora, se eu, o Senhor e Mestre, vos lavei os pés, também vós deveis lavar os pés uns aos outros.

Porque eu vos dei exemplo, para que, como eu vos fiz, façais vós também.

Em verdade, em verdade vos digo: Não é o servo maior do que o seu senhor, nem o enviado maior do que aquele que o enviou.

Se sabeis estas coisas, bem-aventurados sois se as praticardes”

(Jo 13.12-17)

“Tende em vós o mesmo sentimento que houve também em Cristo Jesus”

(Fp 2.5-8)

“Rogo-vos, portanto, que sejais meus imitadores”

(1Co 4.16)

“Assim como também eu procuro, em tudo, ser agradável a todos, não buscando o meu próprio interesse, mas o de muitos, para que sejam salvos.

Sede meus imitadores, como também eu sou de Cristo”

(1Co 10.33-11.1)

“Irmãos, sede imitadores meus e observai os que andam segundo o modelo que tendes em nós”

(Fp 3.17)

“Sede pois imitadores de Deus, como filhos amados; e andai em amor, como Cristo também vos amou, e se entregou a si mesmo por nós, como oferta e sacrifício a Deus, em aroma suave”

(Ef 5.2)

Piedade é imitar a Deus. Assim como Cristo que, sendo Deus, humilhou-se ao lavar os pés dos discípulos (humanos pecadores – inferiores a Ele em natureza e condição), Ele nos deu o exemplo para que nós também façamos como Ele fez. Piedade é amar como Cristo amou, é se compadecer como Cristo também teve compaixão dos que sofrem... Piedade é imitar a Deus, é ser parecido com Ele de modo que não seja necessário falarmos que “somos de Deus”. Não deveria ser necessário anunciar que somos “cristãos”. As pessoas já deveriam saber só em conviver conosco.

O sétimo degrau: FRATERNIDADE

“Já que tendes purificado as vossas almas na obediência à verdade, que leva ao amor fraternal não fingido, de coração amai-vos ardentemente uns aos outros”

(1Pe 1.22)

Qual é o zelo que você tem pelo seu semelhante? Quando você vê algum ser humano como você, mas em condição miserável, revolvendo o lixo para ver se encontra ali algo para comer... qual o sentimento que surge em seu coração? Você consegue seguir seu caminho tranquilamente, como se aquela situação não fosse contigo? De alguma forma você se sente impelido de fazer algo, mas não consegue? Tem medo de ficar perto daquele mendigo? Não quer sentir o cheio desagradável que o envolve? Este cenário deixou você desconfortável? Seja sincero... se sim, é porque você perdeu a afeição por um semelhante seu, mas carente de recursos. A raça humana é a única que não se sensibiliza com o sofrimento do seu próximo... todos os outros mamíferos são fraternos entre si, ajudam uns aos outros com aquilo que têm em comum. O ser humano é muito mais comovido pelo sofrimento de um animal do que por um humano semelhante a ele. Por quê? Por causa do pecado que entrou em nós.

O maior prazer do diabo é sujeitar a obra-prima de Deus à condição de sofrimento e miséria. Nada deixa o diabo mais feliz do que ver um homem mendigando, comendo lixo, dormindo em calçadas ou banco de praças, e parece que nós não estamos nos importando muito com essa terrível realidade.

Fraternidade é a disposição em contribuir para a satisfação das necessidades do meu semelhante, aliviando-lhe o sofrimento e trazendo-lhe alívio. Fraternidade é promover a alegria e a felicidade do meu próximo, exercendo caridade, bondade, hospitalidade, atenção para com ele, e tudo isso

demanda ação – atitude – dedicação. Fraternidade é realizar o bem necessário na vida do meu próximo.

Estamos vivendo em um mundo cada vez mais capitalista e consumista. A ordem mundial é que você satisfaça a sua vontade. Porém isso impõe a cada um de nós uma dedicação às riquezas e aos prazeres cada vez maior, gerando dentro de nós um muro de separação entre os humanos, até mesmo cristãos. Hoje o maior muro de segregação humana que existe não são as diferenças entre raças, mas a diferença social e financeira entre as pessoas. Estamos sendo conduzidos a nos relacionar apenas com aqueles que são “realmente” semelhantes a nós: que dirigem os mesmos carros, que frequentam os mesmos clubes, que vestem as mesmas roupas... Enfim, que possuem a mesma condição social entre si. E os necessitados, são problema de quem? Se você leu esse estudo até aqui é porque certamente possui temor do Senhor em seu coração, e de alguma forma ama a Deus e quer conhecer a vontade Dele para você... Então saiba: os pobres carentes são problema seu também – seu e de toda a Igreja.

“Meus irmãos, não tenhais a fé em nosso Senhor Jesus Cristo, Senhor da glória, em acepção de pessoas.

Porque, se entrar na vossa reunião algum homem com anel de ouro no dedo e com traje esplêndido, e entrar também algum pobre com traje sórdido.

e atentardes para o que vem com traje esplêndido e lhe disserdes: Senta-te aqui num lugar de honra; e disserdes ao pobre: Fica em pé, ou senta-te abaixo do escabelo dos meus pés,

não fazeis, porventura, distinção entre vós mesmos e não vos tornais juizes movidos de maus pensamentos?

Ouvi, meus amados irmãos. Não escolheu Deus os que são pobres quanto ao mundo para fazê-los ricos na fé e herdeiros do reino que prometeu aos que o amam?

Mas vós desonrastes o pobre...”

(Tg 2.1-6)

“Que proveito há, meus irmãos se alguém disser que tem fé e não tiver obras?

Porventura essa fé pode salvá-lo?

Se um irmão ou uma irmã estiverem carecidos de roupa e necessitados do alimento cotidiano,

e algum de vós lhes disser: Ide em paz, aquecei-vos e fartai-vos; sem contudo lhes dar as coisas necessárias para o corpo, qual é proveito disso?

Assim também a fé, se não tiver obras, é morta em si mesma”

(Tg 2.14-17)

Acepção entre rico e pobre é pecado. Cuidar de mim mesmo e descuidar do pobre carente também é

pecado. Lembra do jovem rico? (Lc 18.18-23). Ele de alguma forma temia ao Senhor, e de alguma forma até amava a Deus, mas não o suficiente para abrir mão de sua riqueza em favor dos pobres, conforme o mandamento do Senhor Jesus (“*Se queres ser perfeito, vai, vende tudo o que tens, dá aos pobres e terás um tesouro no céu; depois vem e segue-me*” - Mt 19.21). Quem o jovem rico amava mais? A Deus ou a si mesmo? Assim é o mundo em que vivemos, e assim também muitos cristãos têm agido, amando mais a si mesmos do que ao seu próximo. Somos muito mais motivados a cuidarmos bem de nós mesmos e esquecermos que há uma multidão de pessoas carentes que têm em nós a única esperança de compaixão... eles esperam que sejamos verdadeiramente humanos.

Alguém pode pensar que a fraternidade não faz parte do seu ministério... que talvez Jesus não tenha te chamado para isso... quem pensa assim está enganado!

“E eis que se levantou certo doutor da lei e, para o experimentar, disse: Mestre, que farei para herdar a vida eterna?”

Perguntou-lhe Jesus: Que está escrito na lei? Como lês tu?

Respondeu-lhe ele: Amarás ao Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma, de todas as tuas forças e de todo o teu entendimento, e ao teu próximo como a ti mesmo.

Tornou-lhe Jesus: Respondeste bem; faze isso, e viverás.

Ele, porém, querendo justificar-se, perguntou a Jesus: E quem é o meu próximo?

Jesus, prossequindo, disse: Um homem descia de Jerusalém a Jericó, e caiu nas mãos de salteadores, os quais o despojaram e espancando-o, se retiraram, deixando-o meio morto. Casualmente, descia pelo mesmo caminho certo sacerdote; e vendo-o, passou de largo. De igual modo também um levita chegou àquele lugar, viu-o, e passou de largo.

Mas um samaritano, que ia de viagem, chegou perto dele e, vendo-o, encheu-se de compaixão; e aproximando-se, atou-lhe as feridas, deitando nelas azeite e vinho; e pondo-o sobre a sua cavalgadura, levou-o para uma estalagem e cuidou dele. No dia seguinte tirou dois denários, deu-os ao hospedeiro e disse-lhe: Cuida dele; e tudo o que gastares a mais, eu to pagarei quando voltar.

Qual, pois, destes três te parece ter sido o próximo daquele que caiu nas mãos dos salteadores?

Respondeu o doutor da lei: Aquele que usou de misericórdia para com ele. Disse-lhe, pois, Jesus: Vai, e faze tu o mesmo”

(Lc 10.25-37)

Fraternidade é compaixão! Fraternidade é condição para você se tornar maduro espiritualmente, à semelhança do Filho de Deus, e isso não é opcional: é condicional para herdar a vida eterna! (vs. 25 e 37). Só frutifica para a vida eterna quem recebe e pratica a Palavra de bom coração. Não há quem

seja excluído dessa verdade. Não há mesmo! E a fraternidade é apenas o início do maior e mais importante degrau para a nossa maturidade espiritual: o amor. Observe que cada degrau é uma preparação para o degrau que se seguirá, e assim acontece também entre a fraternidade e o amor. A fraternidade dá início ao ponto central da vida cristã, onde o Senhor Jesus centralizou toda a sua mensagem: Amar o próximo como a ti mesmo. Esse é o alvo da nossa jornada, a seguir...

O oitavo e último degrau: O AMOR

*“Eu lhes dou novo mandamento: amem uns aos outros.
Assim como eu vos amei, amem também uns aos outros.*

Se tiverem amor uns pelos outros, todos saberão que vocês são meus discípulos”

(Jo 13.34-35 NTLH)

Eu costumo dizer que, se Jesus tivesse que resumir sua mensagem em apenas uma frase, seria: *“amem uns aos outros”*. É exatamente aqui neste ponto que o Senhor Jesus está nos esperando! cada um de nós! Não há quem esteja excluído de chegar aqui neste lugar chamado amor. Mas que amor é esse? Vamos aproveitar essa oportunidade para refinar o nosso entendimento sobre o amor o qual o Senhor está falando.

Se nós tivéssemos que definir Deus em uma só palavra, qual seria? Deus é... amor! (*“Aquele que não ama não conhece a Deus; porque Deus é amor”* - 1Jo 4.8). A razão central de toda a criação e de todo o plano eterno de Deus está firmada nesta maravilhosa palavra: amor. Se Deus criou o universo por um motivo, esse motivo foi o amor... Se Deus enviou Seu Filho ao mundo para salvar os pecadores (toda a humanidade!), o motivo disso foi o amor... Deus é amor, e isso não muda!

Que amor é esse?

Antes de continuarmos falando do amor, precisamos separar as diversas definições para a palavra:

- **Amor como impulso por fazer coisas que nos agradam (gr. *“thelo”*):**
Nesta definição de amor se enquadra o amor por coisas (roupas, sapatos, livros, etc), também o amor ao dinheiro e o impulso para comprar sem necessidade (avareza, luxúria). O sentimento de satisfação está intrínseco em seu significado.
- **Amor como atração física entre homem e mulher (gr. *“âgab”*):**
Aqui se enquadra a sensualidade na relação entre homem e mulher. Também se enquadra a afeição pela beleza, simpatia ou intelectualidade de alguém do sexo oposto. É amor entre os sexos. O sentimento de companhia está intrínseco nessa forma de amor.
- **Amor como a amizade entre amigos e parentes (gr. *“phileō”*):**
Aqui se enquadra o desejo de fazer bem a quem nos agrada. Também se enquadra o

sentimento de afeição pessoal – amizade. É o amor que é expresso na forma de abraços, beijos e presentes. O sentimento de carinho está intrínseco nesta forma de amor.

- **Amor incondicional (gr. “agapē”):**

Aqui encontramos o amor de Deus. Este é o amor que só Deus possui em si mesmo. É o amor gratuito, voluntário, incondicional e imerecido, que ama sem esperar nenhum retorno. Essa forma de amor não é encontrada em nós, a não ser que Deus nos dê esse amor na forma de dom (virtude). O sentimento de graça está intrínseco no amor de Deus.

Pedro, tu me amas?

Na ocasião em que o Senhor pergunta a Pedro se este o amava (Jo 21.15-17), o verbo que Jesus utilizou para amar é o “*agapē*”, que é o amor gratuito, incondicional e imerecido que Deus tem por nós. *Ágape* é o amor que se sobrepõe a tudo, é o amor que está acima de todas as coisas. É o amor com o qual Deus deseja que amemos. Mas não foi nessa forma de amor que Pedro respondeu: “Sim Senhor, tu sabes que te amo”. A forma de amor utilizada por Pedro foi o “*phileō*”. Todas as formas de amor, com exceção do *ágape*, requerem algo em troca, requerem uma recompensa por amar. *Fileo* não é um amor gratuito. Isso mostra que Pedro até este ponto ainda não havia compreendido o amor de Cristo por ele. Pedro pensava que o amor de Cristo por ele era *Fileo*, e precisava ser recompensado por Pedro naquela resposta. Da mesma forma o amor *fileo* expressado por Pedro exigia uma contrapartida da parte do Senhor. Por esse equívoco que Pedro cometeu é que o Senhor perguntou três vezes a ele se amava o Senhor. Mas o amor de Cristo sempre foi incondicional, não dependia da contrapartida de Pedro. Jesus nos ama acima de tudo, e apesar de tudo! Mesmo não sendo merecedores do amor Dele, Ele nos ama. Esse é o *ágape*, o amor que Deus deseja encontrar em nós.

“Ouvistes que foi dito: Amarás ao teu próximo, e odiarás ao teu inimigo.

*Eu, porém, vos digo: Amai aos vossos inimigos, e orai pelos que vos perseguem;
para que vos torneis filhos do vosso Pai que está nos céus; porque ele faz nascer o seu
sol sobre maus e bons, e faz chover sobre justos e injustos.*

*Pois, se amardes aos que vos amam, que recompensa tereis? não fazem os publicanos
também o mesmo?*

*E, se saudardes somente os vossos irmãos, que fazeis demais? não fazem os gentios
também o mesmo?*

Sede vós, pois, perfeitos, como é perfeito o vosso Pai celestial”

(Mt 5.43-48)

Aqui o Senhor Jesus descreve a nítida diferença que há entre o amor *fileo* e o amor *ágape*. O *fileo* é o amor que ama a quem se agrada. É o amor que exige recompensa, assim: “Se você me amar, eu te

amo; se você me odiar, eu te odeio!”. Seria essa a forma de amor coerente para com Deus? Para sermos perfeitos como Ele nos mandou que sejamos, o amor que deve ser encontrado em nós é o ágape: amor que ama os inimigos, que ora pelos perseguidores, que faz o bem aos que odeiam (Lc 6.27), que empresta para quem não tem como restituir (Lc 6.35). Essa é a essência do amor ágape. Numa certa ocasião uma irmã deu a melhor definição para amor ágape: “Amor é dar o que mais amamos para quem não merece”.

“O amor seja sem hipocrisia” (Rm 12.9)

“Ainda que eu falasse as línguas dos homens e dos anjos, e não tivesse amor, seria como o metal que soa ou como o címbalo que retine.

E ainda que tivesse o dom de profecia, e conhecesse todos os mistérios e toda a ciência, e ainda que tivesse toda fé, de maneira tal que transportasse os montes, e não tivesse amor, nada seria.

E ainda que distribuísse todos os meus bens para sustento dos pobres, e ainda que entregasse o meu corpo para ser queimado, e não tivesse amor, nada disso me aproveitaria”

(1Co 13.1-3)

“Visto que estão ansiosos por terem dons espirituais, procurem crescer naqueles que trazem edificação para a igreja” (1Co 14.12 NVI). É verdade que todos desejamos dons espirituais para exercermos na igreja, para abençoarmos os irmãos, etc... Isso é legítimo, não há mal nisso. Mas quando Paulo escreveu os versos de 1 Coríntios 13, que ele tinha em mente era ensinar-nos sobre a motivação correta para exercermos os dons espirituais. Paulo comparou o amor ágape aos seguintes dons:

- dom de línguas estranhas;
- dom de profecia e revelação;
- dom de conhecimento e sabedoria;
- fé que faz coisas impossíveis;
- compaixão com o próximo;
- renúncia da própria vida.

Paulo não quis menosprezar esses dons, claro que são valiosos! Porém o apóstolo colocou o amor ágape acima de todos eles, de modo que se ele mesmo tivesse todos esses dons mas não tivesse o amor, para nada esses dons seriam aproveitados, para nada serviriam! Não temos dúvida que todos esses dons são importantes, desejáveis e úteis para a igreja, porém exercê-los sem ter o amor ágape é inútil. Paulo recomenda que procuremos com zelo os dons espirituais, mas acima de tudo, que sigamos o amor, o dom maior de todos. Além disso, Paulo caracterizou esse amor com as seguintes qualidades: O amor...

- é paciente;
- é benigno;
- não arde em ciúmes;
- não se vangloria;
- não se ensoberbece;
- não se porta inconvenientemente;
- não busca os seus próprios interesses;
- não se irrita;
- não suspeita mal;
- não se alegra com a injustiça, mas se regozija com a verdade;
- tudo sofre;
- tudo crê;
- tudo espera;
- tudo suporta.

Ah! que padrão alto de amor, não é mesmo? Ah se fôssemos passar nossas motivações por uma peneira... Ai ai! Muito pouco, quase nada passaria! Paulo afirma que tudo o que não é perfeito será aniquilado, permanecendo apenas o que é perfeito, o amor:

“O amor jamais acaba; mas havendo profecias, serão aniquiladas; havendo línguas, cessarão; havendo ciência, desaparecerá”

(1Co 13.8)

Certa vez Jesus afirmou que do amor ágape dependem toda a lei e os profetas (Mt 22.36-40). O amor de Deus (*agape*) é a mais elevada expressão de Deus em seu relacionamento com a criação; e também a mais elevada expressão do homem com o seu Criador e com o seu próximo.

O alvo do nosso amor

Deus deve ser o primeiro e supremo alvo do nosso amor. Ele deve ser amado de todo coração, mente e alma (*“Mestre, qual é o grande mandamento na lei? Respondeu-lhe Jesus: Amarás ao Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma, e de todo o teu entendimento”* - Mt 22.36-37). Assim como Deus é o único Senhor (*“Ouve, ó Israel; o Senhor nosso Deus é o único Senhor. Amarás, pois, ao Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma e de todas as tuas forças”* - Dt 6.4-5), Criador único e de natureza indivisível, da mesma forma o nosso amor por Ele não pode ser dividido – nosso amor deve ser inteiro Dele. Esse amor não se refere apenas a termos afeição ou sentimento (*fileo*), mas principalmente em obedecer à vontade de Deus, cuidar e proteger que a vontade de Deus seja cumprida em nós, não permitindo que nada nos impeça de continuar amando Ele, e buscando conhecer mais e mais da vontade de Deus de modo que expressar o amor por Deus através de nossa obediência.

“Agora, pois, ó Israel, que é que o Senhor teu Deus requer de ti, senão que temas o Senhor teu Deus, que andes em todos os seus caminhos, e o ames, e sirvas ao Senhor teu Deus de todo o teu coração e de toda a tua alma, que guardes os mandamentos do Senhor, e os seus estatutos, que eu hoje te ordeno para o teu bem?”

(Dt 10.12-13)

“Aquele que tem os meus mandamentos e os guarda, esse é o que me ama; e aquele que me ama será amado de meu Pai, e eu o amarei, e me manifestarei a ele”

“Se alguém me amar, guardará a minha palavra”

(Jo 14.21,23a)

Aquele que verdadeiramente ama a Deus não permite que entre em seu coração o amor pelo dinheiro ou riquezas (*“Ninguém pode servir a dois senhores; porque ou há de odiar a um e amar o outro, ou há de dedicar-se a um e desprezar o outro. Não podeis servir a Deus e às riquezas”* - Mt 6.24), também não se deixa seduzir pelo amor ao mundo (*“Não ameis o mundo, nem o que há no mundo. Se alguém ama o mundo, o amor do Pai não está nele”* - 1Jo 2.15; *“Infiéis, não sabeis que a amizade do mundo é inimizade contra Deus? Portanto qualquer que quiser ser amigo do mundo constitui-se inimigo de Deus”* - Tg 4.4). O amor por Deus deve ser zelado, guardado e protegido como um tesouro, semelhantemente à parábola do tesouro escondido:

“O reino dos céus é semelhante a um tesouro escondido no campo, o qual certo homem, tendo-o achado, escondeu. E, transbordante de alegria, vai, vende tudo o que tem e compra aquele campo”

(Mt 13.44)

Sendo Deus o alvo supremo do nosso amor, da mesma forma o Senhor Jesus – sendo Deus e Filho de Deus – também é igualmente o alvo supremo do nosso amor. E da mesma forma devemos amar de modo supremo o Espírito Santo – sendo também Deus e enviado da parte de Deus para nós. O Deus único – trino – que consiste nas pessoas do Pai, do Filho e do Espírito Santo, esse deve ser o alvo supremo do nosso amor.

“Mestre, qual é o grande mandamento na lei?”

Respondeu-lhe Jesus: Amarás ao Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma, e de todo o teu entendimento. Este é o grande e primeiro mandamento.

E o segundo, semelhante a este, é: Amarás ao teu próximo como a ti mesmo”

(Mt 22.36-39)

Se amamos a Deus acima de todas as coisas, amamos também a obra-prima da criação de Deus, feita à imagem e semelhança de Deus... O amor ágape, que ama a Deus de modo tão dedicado, inevitavelmente também amará ao seu próximo como a si mesmo, assim como ama a Deus. E como é manifestado o amor de Deus em nós, se não através de compaixão pelo nosso próximo?

“Nisto conhecemos o amor: que Cristo deu a sua vida por nós; e nós devemos dar a

vida pelos irmãos.

Quem, pois, tiver bens do mundo, e, vendo o seu irmão necessitando, lhe fechar o seu coração, como permanece nele o amor de Deus?

Filhinhos, não amemos de palavra, nem de língua, mas por obras e em verdade

(1Jo 3.16-18)

Não tem jeito! Se eu digo que “amo a Deus” e não me compadeço do meu próximo, então o amor de Deus (*agape*) não está em mim. O amor de Deus não se alegra com a injustiça... Certa vez o Senhor advertiu seus discípulos que, se a justiça deles não excedesse em muito à dos escribas e fariseus (os religiosos daquela época, que o Senhor os chamava de hipócritas) jamais entrariam no reino dos céus! (Mt 5.20). É por isso que o sétimo degrau – fraternidade, e o oitavo degrau – amor, estão ligados entre si. A fraternidade, a compaixão e o amor ágape estão unidos – são inseparáveis – e sem isso jamais alcançaremos maturidade espiritual. Como o Ap. Paulo disse certa vez: “*Quando eu era menino, falava como menino, sentia como menino, pensava como menino...*” Isso mostra que enquanto Paulo não alcançou esse amor, tudo o que ele falava, fazia e pensava não tinha os sinais da maturidade, não era perfeito em seus caminhos... “*...quando cheguei a ser homem, desisti das coisas próprias de menino*”. Só depois que Paulo alcançou no amor ágape a motivação correta para amar e servir a Deus de todo coração é que ele considerou que finalmente havia alcançado a maturidade espiritual. Essa é a nossa vocação. Para isso fomos chamados.

“Sabemos que todas as coisas cooperam para o bem daqueles que amam a Deus, daqueles que são chamados segundo o seu propósito.

Porquanto aos que de antemão conheceu, também os predestinou para serem conformes à imagem de seu Filho, a fim de que ele seja o primogênito entre muitos irmãos”

(Rm 8.28-29)

“Assim, pois, amados meus, como sempre obedecestes, não só na minha presença somente, porém muito mais agora na minha ausência, desenvolvi a vossa salvação com temor e tremor; porque Deus é quem efetua em vós tanto o querer como o realizar, segundo a sua boa vontade.

Fazei todas as coisas sem murmurações nem contendas; para que vos torneis irrepreensíveis e sinceros, filhos de Deus inculpáveis no meio de uma geração pervertida e corrupta, na qual resplandecéis como luzeiros no mundo, preservando a palavra da vida; para que no dia de Cristo eu me glorie-me de que não corri em vão, nem me esforcei inutilmente”

(Fp 2.12-16)

PALAVRA DE ENCORAJAMENTO

“Porque estas coisas, existindo em vós e em vós aumentando, fazem com que não sejais nem inativos, nem infrutuosos no pleno conhecimento de nosso Senhor Jesus Cristo”

(2Pe 1.8)

Amados irmãos, a vontade de Deus para a Sua Igreja é que ela conheça a plenitude do Filho de Deus. Nós somos chamados para sermos filhos, e filhos à semelhança do Filho de Deus... como posso tornar-me semelhante a alguém que não conheço? É necessário, irmãos, que a Igreja decida não mais “fazer coisas” para Jesus, mas sim tornar-se uma igreja madura, íntegra, conforme à imagem e semelhança Daquele que é o modelo.

Certa vez o Ap. Paulo fez uma oração assim:

“Por esta razão dobro os meus joelhos perante o Pai, do qual toda família nos céus e na terra toma o nome, para que, segundo as riquezas da sua glória, vos conceda que sejais robustecidos com poder pelo seu Espírito no homem interior; que Cristo habite pela fé nos vossos corações, a fim de que, estando arraigados e fundados em amor, possais compreender, com todos os santos, qual seja a largura, e o comprimento, e a altura, e a profundidade, e conhecer o amor de Cristo, que excede todo o entendimento, para que sejais tomados de toda a plenitude de Deus”

(Ef 3.14-19)

Que oração! É esse tipo de oração que o Espírito Santo ardentemente anseia ouvir nesses dias! É isso o que o Senhor quer fazer com Sua Igreja: conduzi-la ao pleno conhecimento de Cristo, fazê-la conhecer a inteira plenitude de Deus! Já pensou nisso? Sinceramente, você acha que nós – cristãos – estamos vivendo a inteira plenitude de Deus, em toda a sua extensão? Será que nós – a igreja – temos tido a compreensão do comprimento, largura, altura e profundidade do amor de Cristo? Porque pensamos ser isso impossível se essa é a oração do Ap. Paulo a favor dos santos, a Igreja?

Em nome do Senhor Jesus, que essa oração seja respondida através dessa geração! Amém?

“Aquele que desceu é também o mesmo que subiu muito acima de todos os céus, para cumprir todas as coisas. E ele deu uns como apóstolos, e outros como profetas, e outros como evangelistas, e outros como pastores e mestres, tendo em vista o aperfeiçoamento dos santos para a obra do ministério, para edificação do corpo de Cristo; até que todos cheguemos à unidade da fé e do pleno conhecimento do Filho de Deus, ao estado de homem feito, à medida da estatura da plenitude de Cristo; para que não mais sejamos meninos, inconstantes, levados ao redor por todo vento de doutrina, pela fraudulência dos homens, pela astúcia tendente à maquinação do erro; antes, seguindo a verdade em

amor, cresçamos em tudo naquele que é a cabeça, Cristo, do qual o corpo inteiro bem ajustado, e ligado pelo auxílio de todas as juntas, segundo a justa operação de cada parte, efetua o seu crescimento para edificação de si mesmo em amor”

(Ef 4.10-16)

É essa condição que o Senhor tanto anseia que a Sua Igreja alcance: maturidade tal que todos tenhamos uma só fé e que todos conheçamos a plenitude do conhecimento de Cristo. Ou seja, que estejamos todos na mesma estatura do Nosso Senhor! Que chegue ao fim o tempo de meninice... que venha sobre a Igreja de nosso tempo a maturidade de Cristo a fim de que possamos cumprir de modo completo os desígnios de Deus para a nossa geração!

**Que o Corpo de Cristo se revele glorioso em poder, glória e honra,
em meio a essa geração má, nesse tempo final na Terra.**

• • •

O desejo do nosso coração é que você tenha sido abençoado e edificado com esse estudo bíblico. Isso não nos pertence, isso é de todos nós, pertence à Igreja, dado gratuitamente pelo Espírito Santo para nos conduzir ao conhecimento da vontade do Pai para nós. Use como quiser, e passe adiante!

Se você quiser falar-nos algo a respeito desse e de outros assuntos relacionados ao Reino de Deus, envie-nos um e-mail para o endereço: missao@cristoemvos.com.br .

Deus te abençoe!

O autor prefere manter-se anônimo,
a exemplo das citações bíblicas em Lc 9.49-50 e Nm 11.27-29.
Todos os direitos autorais pertencem ao autor.
Para entrar em contato, acesse o site:
www.cristoemvos.com.br

Impresso com permissão.
Pontal do Paraná-PR, Março de 2011